
EDITORIAL

Quais as implicações da chamada condição pós-moderna para a educação e, mais especificamente, para a educação escolar? Eis um tema que tem estado sempre presente, às vezes de forma mais explícita, outras vezes de forma mais implícita, nos 8 números da revista *Educação, Sociedade & Culturas* publicados até agora (o que não se admira, claro, dado o processo de globalização e a dialéctica entre o local e o global onde ninguém pode «pôr-se à margem», como diz Anthony Giddens) Certamente, os próximos números continuarão a desenvolver este tema, sendo previsto até um número temático sobre a «Educação e a Transnacionalização dos Mecanismos de Regulação Social»

Este número 9 da revista não foge à regra: inclui vários artigos que reflectem sobre «a mudança de paradigma na avaliação educacional» (Margarida Fernandes), sobre «elementos para uma perspectiva eco-etológica em educação: educação ambiental, etologia e ética» (Marina Lencastre) e sobre «a importância da reflexividade na sociologia da educação» (Xavier Bonal e Xavier Rambla) E as três análises sociológicas proporcionadas pelos artigos de Cristina Rocha – das transformações nos sistemas de formação farmacêutica –, de Isabel Pestana Neves e Ana Maria Morais – do significado das mudanças introduzidas na actual reforma educativa (usando como foco de análise disciplinas de ciências) – e de Carlos Vilar Estêvão – da privatização do ensino no contexto da reestruturação do Estado – todas focalizando transformações, tanto na vertente de regulação como naquela de emancipação, que exprimem no fundo uma alteração na relação entre educação/formação e trabalho, embora todas as implicações desta alteração para as relações sociais ainda não estejam claras.

Os «Diálogos sobre o Vivido» deste número abordam o tema «do ensino/ aprendizagem da matemática, por via da recolha de dados sobre o modo

como os professores desta disciplina concebem, organizam e reflectem sobre o conhecimento que transmitem na sala de aula. (Telmo Caria) Os comentários são de Darlina Moreira (da Universidade Aberta), Guida de Abreu (do Departamento de Psicologia da Universidade de Luton, Reino Unido) e João Pedro da Ponte (da Universidade de Lisboa) Destaca-se aqui não só a extraordinária relevância para as práticas dos professores das observações feitas pelos três profissionais do domínio em questão, como a complexidade do processo de ensino/aprendizagem que é revelada pelo número e qualidade de variáveis que são apontadas e que influenciam tal processo

Tal como anunciámos no número anterior, publicamos neste número, na secção «Arquivo», o artigo de Melford E Spiro «Algumas Reflexões sobre o Determinismo e Relativismo Culturais com Especial Referência à Emoção e à Razão». Esta resposta «iluminista» de Spiro ao posicionamento «romântico» assumido por Shweder demonstra a mesma qualidade que encontramos no artigo deste último. A argumentação de Spiro é brilhante e só uma releitura de Shweder chega para repor o equilíbrio. De que lado estamos? Não resisto a citar, de novo, Shweder quando diz

«Parece-me enganador imaginar que cada um deva escolher, em geral, entre uma visão iluminista ou romântica da mente humana () A mente humana é tripartida – possui aspectos racionais, irracionais e não-racionais, e, comparando as nossas ideias com as ideias dos outros, acabaremos por poder sempre encontrar algumas maneiras pelas quais as nossas ideias são como as ideias dos outros (universalismo) e algumas maneiras pelas quais as nossas ideias são diferentes. Algumas vezes essas diferenças sugerirão progresso (desenvolvimentismo) e outras não (relativismo). A tarefa do etnógrafo é a de decidir acerca daquilo que é racional, aquilo que é irracional e aquilo que é não-racional e a de saber quando faz sentido enfatizar a semelhança, a diferença ou o progresso» (ver R Shweder, «A Rebelião Romântica da Antropologia Contra o Iluminismo, ou de Como Há Mais Coisas no Pensamento para Além da Razão e da Evidência», Educação, Sociedade & Culturas, 8, p. 179)

Finalmente, vale a pena assinalar duas excelentes leituras, a partir de cam-

pos de saber muito diferentes, do livro *O Imaginário das Crianças* (de Raúl Iturra), feitas por Manuela Ferreira e Manuela Malpique. A primeira desenvolve a sua análise na base de uma preocupação com a sociologia da infância; a segunda promove uma leitura focalizando sobretudo o conceito do imaginário. O livro de Iturra funciona como um verdadeiro catalisador de reflexão sobre a especificidade da criança e a sua relação com o mundo adulto. Encerramos este número 9 com a recensão, de Ademar Horácio Aires, da colectânea de textos sobre o tema *Educação Intercultural de Adultos* organizada por Maria Beatriz Rocha-Trindade e Maria Luísa Sobral Mendes e publicada pela Universidade Aberta e pelo Departamento da Educação Básica.

Steve Stoer